



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

NOTAS PARA REFLEXÕES AOS ESTUDOS SOBRE JOVENS ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR

Autor; Gisele Rogéria Penatieri; Co-autor (1); Ana Lucia Andruchak;
Co-autor (2); Edilene Dayse Araújo da Silva; Orientador: Adir Luiz Ferreira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - giselepenatieri@gmail.com

Resumo: O trabalho tem por objetivo evidenciar alguns dos principais aspectos que fundamentam os estudos sobre ser jovem e ser estudante no ensino superior. Trata-se de discussão teórica, fundamentada na sociologia da educação, para a qual se elegeram algumas categorias que são abordadas neste artigo. Inicia-se com considerações acerca dos estudos sobre as juventudes. Discutem-se concepções sobre ser jovem e ser estudante do ensino superior, partindo do pressuposto da construção social e histórica dos sujeitos jovens e de seus papéis, aqui em relevo o de estudante acadêmico. Delineiam-se apontamentos sobre o caráter mutável e heterogêneo das juventudes e da condição estudantil. A discussão se amplia ao se considerar outros conceitos que se desdobram a partir do tensionamento da relação jovem-estudante acadêmico como: socialização acadêmica; meio ambiente de estudos e perspectivas em relação ao aprender. Aponta-se, assim, para os necessários diálogos entre a condição juvenil e a condição estudantil, articulando olhares que vão além do papel unilateral de estudante e que abarque dimensões para além do cognitivo. A relação ser jovem-ser estudante acadêmico enuncia uma problemática que exige uma compreensão multifatorial, atenta à diversidade e polissemia das vivências acadêmicas atuais, cujo desvelamento será relevante para a apreensão de novas nuances na realidade do ensino superior.

Palavras-chave: jovens, estudantes, ensino superior, concepções.

INTRODUÇÃO

O artigo tem por objetivo desenvolver uma discussão teórica que evidencie alguns dos principais aspectos que fundamentam os estudos sobre ser jovem e ser estudante no ensino superior. Trata-se de debate sobre a vida dos jovens estudantes na graduação, com um aporte fundamentado na Sociologia da Educação. O trabalho se justifica, uma vez que diversos estudos demonstram a necessidade de se investigar as juventudes em sua diversidade, seus variados papéis, de forma relacional, como aqui proposto, ou seja, a relação entre ser jovem e ser estudante do ensino superior. Outra relevância é que há uma lacuna acerca sobre como se dão as condições de experimentação da vida acadêmica. Carrano (2009) aponta que há uma nova composição dos públicos universitários e outros fenômenos sociais por ela engendrados, sendo um campo de análise em que pouco se avançou.

Trata-se de artigo vinculado a uma pesquisa de doutorado em andamento, que propõe, metodologicamente, uma discussão teórica, com a finalidade do conhecimento e aprofundamento da temática em tela, e que se operacionaliza por meio da

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



revisão da literatura e da bibliografia relativas ao objeto em estudo. Os resultados e discussões, tópico a seguir, foram sistematizados a partir de algumas categorias analíticas eleitas e que foram alvo de estudos sistemáticos. Nesse sentido, o trabalho foi organizado em quatro movimentos articulados em torno do objeto de discussão, a saber: *Notas aos estudos sobre as juventudes; Notas sobre o foco nos estudantes acadêmicos como sujeitos; Notas aos estudos sobre a aprendizagem no ensino superior; Síntese das notas: considerações finais temporárias.*

Observa-se que a relação ser jovem-ser estudante acadêmico enuncia uma problemática que exige uma compreensão ampla e multifatorial, atenta a diversidade e polissemia das vivências juvenis e acadêmicas atuais, cujo desvelamento será relevante para a apreensão de novas nuances na realidade do ensino superior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

NOTAS AOS ESTUDOS SOBRE AS JUVENTUDES

Uma nota inicial às pesquisas sobre os/as jovens, direciona-se aos estudos sobre as imagens sociais sobre a juventude. O olhar das instituições e do mundo adulto sobre os(as) jovens apresenta um caráter ambivalente: são considerados como ameaça à ordem social; mas também como promessa de uma nova ordem. A juventude é ora vista de forma positiva, sendo apontada como o *futuro da nação*, ora é vista como problema social. A visão dos(as) jovens como problema social é uma ideia que ainda se faz presente, conforme nos aponta Camacho (2004):

(...) são considerados como “problemas sociais” porque estão envolvidos em problemas de inserção profissional, em problemas de drogas, em problemas de violência, em problemas de delinquência, em problemas com a escola, em problemas com os pais, em problemas de gravidez precoce, dentre tantos outros reconhecidos socialmente como sendo juvenis (p.331).

Diante do quadro das imagens sociais construídas em torno da juventude é importante ressaltar o perseverante exercício de análise sociológica que aponta que, seja uma ou outra visão, tratam-se de versões da juventude que devem ser constantemente reavaliadas, questionadas e problematizadas.

Outra nota de suma importância é deixar claro em qual concepção de juventude se está fundamentando o estudo. Evidencia-se a concepção de juventude como construção sócio-histórica-cultural. Nas opiniões cotidianas, consuetudinárias e representações correntes de nossa sociedade, os/as jovens, por vezes, são tomados como fazendo parte de um conjunto social igual (homogêneo) e unitário de indivíduos que se assemelham, em geral, por estarem situados em determinadas idades



e por se lançarem sobre eles a expectativa de certos comportamentos e atitudes “próprios” daquela fase da vida como algo já dado. No entanto, ao se lançar um olhar sociológico à juventude, desmistificando, desconstruindo e desnaturalizando o espontâneo, pode-se perceber não apenas as possíveis similaridades, como a idade em comum, mas também, e principalmente, as diferenças sócio-culturais. Ao se analisar a juventude a partir de variáveis como gênero, classe, etnia e outras, a análise da categoria se aproxima da ideia de Pais (1993) de que juventude é uma *categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais e políticas; uma categoria sujeita a modificar-se ao longo do tempo* (p. 29).

Essa visão de juventude se apresenta, historicamente no século XIX, quando, entre a infância e a idade adulta, se começou a verificar o prolongamento – com os consequentes *problemas sociais* daí derivados, dentre eles o prolongamento da escolaridade, *dos tempos de passagem que hoje em dia continuam a caracterizar a juventude, quando aparece referida a uma fase de vida* (PAIS, 1993, p. 33).

Se o entendimento sobre a juventude é pautado por perspectivas histórico-culturais, pauta-se em Camacho (2004) para afirmar que não existe uma juventude única e homogênea. A autora afirma que:

A história do mundo indica que não existe uma juventude única. As juventudes se diferenciam ao longo do tempo e também no interior de um mesmo período histórico. Há a diferenciação social (...). Portanto, o que existe são histórias de juventude e, sobretudo, jovens inseridos em uma teia de relações sociais específicas e vinculadas a contextos e momentos históricos distintos (p.23-24).

Melucci (1992) apud Dayrell (2003) traz a ideia de juventudes, no plural, em virtude das diversidades de situações que compõem a condição juvenil, contrapondo a ideia de unidade que ainda permeia a juventude. Assim, ele argumenta que:

(...) os jovens constróem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes (p.4-5).

É importante registrar que inúmeros são os autores que fundamentam e compartilham da concepção exposta, sendo Sposito (2004) e Carrano (2000) pesquisadores de grande relevância.

Outro ponto digno de nota se remete aos conceitos de condição juvenil e situações juvenis. Sposito (2005) percorre uma conceituação da condição juvenil como sendo a forma como a sociedade construiu historicamente esse momento/etapa do ciclo da vida, em geral, marcada pela transição entre a infância e a idade adulta, e caracterizada pela presença das instituições de



transição, principalmente a escola. A situação juvenil diz respeito a como jovens de classes e origens diversas experimentam a condição juvenil (SPOSITO, 2005), sendo imprescindível para sua compreensão a discussão de outros dois conceitos: moratória social e moratória vital. Assim, a condição juvenil é socialmente construída, constituindo-se em uma representação social, e as situações seriam o que os/as jovens vivenciam em sua concretude.

A ideia de moratória vital e moratória social e seus significados para as diferentes juventudes, baseada nos estudos de Margulis (2001) é de suma relevância para a análise das questões da(s) juventude(s) e classe social, por exemplo. A moratória remete-se a uma modalidade de vivência da condição juvenil. A moratória social foi considerada como um período permitido ao jovem para vivenciar a sua juventude sem assumir os mesmos compromissos e exigências do mundo dos adultos. Aos jovens seria reservada a possibilidade de um tempo livre, socialmente aceito, para vivenciar diferentes vivências além do universo estudantil juvenil, como o lazer. Margulis (2001), no entanto, explica-nos que:

Os jovens das classes populares e progressivamente muitos provenientes de setores médios, que não encontram trabalho, não estudam e não têm dinheiro, dispõem de muito tempo livre, porém se trata de tempo de outra natureza: é o tempo penoso da exclusão e da desvalorização de sua energia e de seu potencial criativo (p. 46).

As duas moratórias (social e vital - de base material e que se remete a um crédito temporal, algo relacionado ao capital biológico e energético do corpo próprio da juventude) são complementares. Se a moratória social depende da classe social, a moratória vital é comum a todos, independente da classe social. Mas ela não é comum a qualquer situação. Por exemplo: dependendo do gênero a moratória vital é conferida de formas variadas, as jovens não vivenciam a moratória vital na mesma proporção que os jovens por causa do machismo, da repressão masculina. Às mulheres não são “concedidos” os mesmos comportamentos que aos homens, sem que haja discriminação com as mesmas.

Merece especial atenção, a visibilidade/foco que é conferido aos jovens estudantes acadêmicos como sujeitos, são as notas a seguir.

NOTAS SOBRE O FOCO NOS ESTUDANTES ACADÊMICOS COMO SUJEITOS

O foco nos estudantes acadêmicos como sujeitos, no âmbito dos trabalhos sobre estudantes acadêmicos, vem se colocando como um dos pontos/notas centrais dos estudos. No caso brasileiro, a partir da segunda metade dos anos 90, verifica-se um gradativo e crescente processo de expansão ao acesso ao ensino superior. Houve, assim, a emergência de um novo universitário, oriundo de um



segmento social que, até recentemente, não tinha acesso à Educação Superior, com condições de estudo limitadas e pouca convivência com objetos intelectuais e artísticos da cultura hegemônica, cujo entorno familiar e social tem, geralmente, uma baixa escolarização (BRITTO et al., 2008; GÓMEZ, 2002).

Outra nota sobre o foco nos estudantes acadêmicos como sujeitos, de acordo com Carrano (2009), remete-se à nova composição dos públicos universitários e os fenômenos sociais por ela engendrados representa ainda um campo de análise em que pouco se avançou. Há uma lacuna acerca de como são as vivências da vida acadêmica. Ainda se sabe muito pouco sobre as trajetórias escolares e biográficas dos estudantes universitários, o fenômeno da mobilidade social e sobre como se dão as condições de experimentação da vida universitária após o ingresso.

O ingresso de novos sujeitos com relação às referências de classe, de etnia e gênero, provocou fenômenos sociais de novos tipos que precisam ser considerados para entender o que significa ser estudante no contexto atual do ensino superior brasileiro. É essa a situação originada na expansão universitária das últimas duas décadas, quando se associam as desigualdades relacionadas às estruturas sociais contemporâneas, com o aumento da presença no meio acadêmico dos estudantes de classes populares. A pesquisa sociológica voltada à condição do estudante universitário se mostra como um caminho possível para o desvelamento da nova realidade universitária, a universidade de massas.

Do ponto de vista das implicações sociais deste processo, ganha visibilidade a recomposição da população estudantil, que experimenta tanto transformações estruturais da universidade, como dos modos de vida estudantil (GÓMEZ, 2002). São essas as bases de uma nova perspectiva para a *condição estudantil* (nota importante) universitária no Brasil, aqui entendida como o conjunto de forças materiais, práticas sociais e significados culturais relacionados ao fato de *ser sujeito estudante acadêmico* nesse processo de mudanças. A análise da *condição estudantil do estudante do ensino superior*, pode ser apreendida a partir de alguns de seus elementos, dos quais destacamos: origem social (cidade de origem, renda familiar e per capita, ocupação dos pais e do estudante), etapas da vida, usos do tempo, espaço universitário, relação com os estudos, ofício de estudante, custos com os estudos, relação com o meio estudantil e relações com o meio ambiente de estudos. Percebe-se a necessidade de se deixar de lado categorias genéricas, como ‘estudante universitário’ ou ‘universidade brasileira’ e tratar de encontrar as linhas de força que constituem o campo em questão.



Assim como nos estudos sobre as juventudes, observa-se o caráter mutável e heterogêneo do ofício do estudante. Ressalta-se, assim, uma outra nota a de que as investigações sobre os estudantes acadêmicos necessitam ampliar os olhares, para além do papel unilateral de estudante, abarcando dimensões para além do cognitivo. Compreender o estudante universitário apenas do ponto de vista de sua condição restrita de aluno é um reducionismo, haja vista que se expressa como uma das múltiplas faces da condição juvenil, por exemplo.

Considera-se que a compreensão multifatorial voltada à *condição do estudante* se mostra como um caminho possível para o desvelamento da multiplicidade de situações que permeiam e compõem o ensino superior no Brasil. Trata-se de *ampla compreensão multifatorial do próprio processo de aprendizagem e das formas de estudo a ele associadas, considerando-se os contextos sociais da atualidade, a cultura histórica da educação escolar, as condições subjetivas, os recursos acadêmicos e os campos cognitivo e profissional*. (Ferreira, 2004, p. 119)

Ser jovem, de classe social baixa ou média baixa e estar cursando a educação superior é uma configuração de diversos modos de viver os tempos sociais produzidos em torno da vida acadêmica, tensão não resolvida entre as demandas do presente e a “recompensa”, perspectivas incertas do/no futuro, dadas as restritas chances de continuidade de estudos e as crescentes dificuldades de inserção no mundo do trabalho que emprega cada vez menos e exige cada vez mais qualificação. Se o presente é marcado pela experimentação e pela aquisição de direitos que propiciam a vivência da condição juvenil (DAYRELL, 2003), o futuro é marcado pela preocupação de possíveis inserções na vida adulta, tendo o trabalho como categoria mediadora entre os dois tempos.

NOTAS AOS ESTUDOS SOBRE A APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

Perry (1970) apud Paivandi (2014), foi um dos pioneiros que inauguraram a perspectiva da análise do ensino superior, tomando por foco a qualidade da aprendizagem. Ao “mapear” a evolução da postura epistêmica na universidade, o autor classificou 9 (nove) posições em 3 (três) categorias: posição dualista; apreensão do relativismo e elaboração do relativismo. Em linhas gerais, nessa tipologia, os estudantes oscilam entre o dualismo simplista e trivial, de caráter dual do conhecimento (falso ou verdadeiro) e a abordagem relativista baseada na apropriação refletida do saber e o sentido pessoal atribuído a aprendizagem. Segundo Perry (1970) apud Paivandi (2014)

(...) a postura relativista permite a dúvida, a ambiguidade e a leitura questionadora das informações e das teorias recebidas: nesse caso, o estudante é o sujeito de sua formação e interpreta as coisas com uma abordagem crítica (p.).



Marton e Saljo (1997) apud Paivandi (2014), também merecem destaque nos estudos sobre a temática em questão. Em suas pesquisas, apontaram concepções de aprendizagem que se dividem em uma visão quantitativa, instrumental e uma visão qualitativa. Verifica-se que as aprendizagens da visão quantitativa se caracterizam por um aprendizado numa abordagem superficial (aumento quantitativo do saber; memorização; aquisição de teorias e métodos). As aprendizagens numa visão qualitativa, caracterizam-se como um aprendizado em profundidade (compreensão; construção de sentido ou abstração do significado; transformação qualitativa em si; mudança pessoal; posicionamento diferente no mundo).

Outros trabalhos, sobretudo a partir dos anos 1980, convergem e relacionam a abordagem da aprendizagem e a qualidade do resultado. Essas pesquisas revelam que os estudantes se diferenciam pela maneira de fazer e de se investir nas tarefas de estudo, a relação com o saber e o sentido atribuído à aprendizagem.

Os fundamentos dos estudos de Paivandi (2014), indicam que a experiência estudantil constrói-se em *situação* porque as lógicas e os processos sociais e individuais se misturam, entram em interação e se transformam. Dito de outra forma, *o quê* o estudante vive e sente é inseparável *de como* ele vive, compreende e organiza o ato de aprender.

Dois conceitos são relevantes de serem notificados e fundamentais para a compreensão dos estudos Paivandi sobre o tema aqui em análise, são eles: *perspectiva e meio ambiente de estudos*.

O conceito de meio ambiente de estudo se remete:

(...) à organização pedagógica (modalidade, recursos), aos objetivos formais, às exigências e às atividades pedagógicas efetivas, ao contexto humano e às interações interpessoais. Refere-se tanto ao dispositivo pedagógico (estrutura curricular) quanto ao contexto social designado a organização social das oportunidades de interações (a estrutura extracurricular). O meio ambiente de estudos não se constitui, unicamente, de um quadro que revela os processos sociais de ordem geral, sendo igualmente um lugar de atividades com características próprias. As interações sociais no meio ambiente de estudo compreendem as relações entre estudantes, professores, pessoal administrativo, grupos de pares e dispositivos pedagógicos. Essas interações definem o clima social geral (contexto humano) de uma filiação de estudos. A noção de meio ambiente de estudo designa assim um espaço/tempo de formação que leva em consideração os elementos constitutivos do meio social e pedagógico da aprendizagem. Trata-se de uma perspectiva “ecológica” que tenta integrar o impacto do meio ambiente sobre os atores e as interações (PAIVANDI, 2014, p. 41).

O conceito de perspectiva da aprendizagem, de autoria de Paivandi (2014) é fruto da investigação sobre o sentido dado pelo estudante ao ato de aprender na universidade, assim como ao meio ambiente de aprendizagem na experiência acadêmica.



A perspectiva da aprendizagem (PAIVANDI, 2014), resgata a ideia de perspectiva da escola de Chicago. Refere-se à maneira ordinária de pensar e de sentir de uma pessoa que se encontra em uma dada situação. A noção de perspectiva significa um ponto de vista sobre a realização na qual o estudante é o autor. Pode-se definir a perspectiva de aprendizagem como o conjunto articulado de ideias, de esquemas e de ações que um estudante mobiliza para apreender as tarefas ligadas à aprendizagem universitária.

Paivandi (2014) elenca 4 (quatro) tipos de perspectivas no que se refere à relação dos estudantes com o aprender: a perspectiva compreensiva; perspectiva minimalista; perspectiva do desempenho e a perspectiva da desimplificação.

A relação com o aprender constitui a base de um *modus vivendi* entre o estudante e a universidade. E o desenvolvimento de uma perspectiva mostra como os estudantes mobilizam esquemas de ações coerentes para realizar as tarefas ligadas aos seus estudos. O caráter situacional da perspectiva convém ao encaminhamento escolhido, pois os estudantes têm a tendência a desenvolver sua perspectiva como atividade (material e simbólica) de construção e estabelecimento de uma nova identidade para uso no meio acadêmico. Verifica-se, como a perspectiva, então, se constrói e se transforma através da socialização universitária.

O conceito de socialização universitária ou acadêmica é outro ponto de nota de muito destaque nas investigações sobre a aprendizagem dos estudantes do ensino superior. A partir das contribuições dos estudos de Ferreira (2014), pode-se conceituar a socialização em geral como sendo, simultaneamente: *a) espaço de desenvolvimento consciente de competências, relações, identidades e disposições; b) o campo inconsciente de incorporação de representações de mundo e de si mesmo* (p. 128). Considerando-se que a socialização é um percurso existencial permanente, ocorre progressivamente um distanciamento dos indivíduos da socialização primária, vivida no convívio familiar e na infância. Mas, também pode acontecer uma mudança social acelerada em certos períodos, configurando-se um processo de ressocialização profundo, que pode certamente ser provocado pela experiência escolar da universidade. Para muitos estudantes, esses anos de formação acadêmica também representam a transição da juventude e da influência familiar para a fase da vida adulta e do mundo do trabalho. O processo de socialização permite a interiorização de atitudes, de dispositivos, de valores, de crenças, sentidos e de expectativas. Os sentidos dados pelos estudantes ao ato de aprender na universidade articulam-se a outro conceito fundamental nas análises dos modos de se vivenciar a graduação pelos estudantes: o meio ambiente de estudos.



Como já abordado, o meio ambiente de estudos se relaciona com: a organização pedagógica (modalidade, recursos); os objetivos formais, as exigências e as atividades pedagógicas efetivas; o contexto humano e as interações interpessoais. As interações sociais que ocorrem no meio ambiente de estudo compreendem: as relações entre estudantes, professores, pessoal administrativo, grupos de pares e dispositivos pedagógicos. A noção de meio ambiente de estudo designa assim um espaço/tempo de formação que leva em consideração os elementos constitutivos do meio social e pedagógico da aprendizagem. Configura-se igualmente como uma perspectiva “ecológica”, pois integra o impacto do meio ambiente físico e institucional sobre os atores e sobre as interações. Significa também que se deve incorporar os efeitos das experiências sociais nas explicações sobre o processo de aprendizagem. Em outras palavras, interessar-se ao meio ambiente de estudo significa que a cognição e a socialização não são separáveis.

A qualidade da aprendizagem se engendra na dinâmica entre o lugar da aprendizagem; o olhar dos estudantes e o contexto da aprendizagem. De um lado, o lugar da aprendizagem se remete ao funcionamento efetivo e a pertinência do contexto intervêm diretamente no processo de aprendizagem. Por outro lado, a maneira pela qual os estudantes percebem e apreciam a organização pedagógica e o conteúdo do ensino torna-se um fator importante de sua mobilização universitária e intelectual. O contexto da aprendizagem, percebido pelos próprios estudantes, influencia, assim, o sentido que se constrói sobre ser estudante.

As instituições de ensino e seus processos de socialização, apresentam-se como espaço ambíguo de castração e autonomia. Vale ressaltar a importância de se conhecer as condições da socialização estudantil, abarcando fatores sociais e contextuais. Entende-se, fundamentando-se em Ferreira (2014), a socialização estudantil diante dos processos cognitivos e metacognitivos mobilizados para a aprendizagem. Nesse sentido a reflexão do referido autor se faz preciosa:

Apesar da expansão da Universidade no Brasil, um obstáculo permanece: a obrigação de o estudante dominar um conhecimento que não é somente de aprendizado cognitivo. (...) As possibilidades democráticas da educação superior entre três dimensões: socialização universitária, projetos de aprendizado e de futuro profissional. (p. 116)

Caminha-se, então, partindo da análise da socialização, para uma concepção de aprendizagem como objetivo educacional no ensino universitário para além de uma definição formal, mas sim como:

(...) uma ampla compreensão multifatorial do próprio processo de aprendizagem e das formas de estudo a ele associadas, considerando-se os contextos sociais da atualidade, a cultura histórica da educação escolar, as condições subjetivas e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

peçoais, os recursos acadêmicos e os campos cognitivo e profissional.
(FERREIRA, 2004, p. 119)

Assim, ainda conforme estudos de Ferreira (2004), *os projetos de aprendizagem se constroem na tensão das constantes soluções de compromissos entre utilidade e motivação*, bem como ao o acesso e o domínio do que o autor chama de “didática profana”, que também estão *relacionados à cultura escolar das famílias e à origem social dos estudantes*.

Por fim, enfatiza-se uma última nota que articula a relação ser jovem-ser estudante acadêmico: a socialização no ensino superior se atrela às sociabilidades juvenis. A *condição estudantil* como uma face da condição juvenil, diz respeito ao conjunto de forças materiais, práticas e significados relacionados ao fato de ser estudante universitário. Já a condição juvenil como uma face da condição estudantil, diz respeito ao conjunto de situações relacionadas ao fato de ser jovem. Articulam-se dois papéis sociais (jovem e estudante) no mesmo sujeito. Vale ressaltar, no entanto a maior parte dos jovens dos jovens entre 18 e 29 (de acordo com o Estatuto da Juventude) anos não estão no ensino superior.

A Universidade, para muito sujeitos, é um dos demarcadores da transição da juventude para a fase adulta e o mundo do trabalho. De acordo com Ferreira (2014), *a universidade propõe que se trabalhe em um projeto pessoal ou profissional, que se desenvolva uma nova autonomia intelectual e social. Essa transformação implica uma aculturação ao mundo universitário e uma mudança qualitativa de atitude diante do ato de aprender* (p. 45). No entanto, a partir dos estudos do autor, alerta-se que essa transição não é algo linear, pelo contrário, dada a questões e aspectos de ordem subjetiva ou estrutural poderá vir marcado por inúmeros fatores de diferenciação, como por exemplo, a ampliação da faixa etária considerada como a juventude, longevidade dos estudos, jovens trabalhadores e estudantes, dificuldades na inserção no mercado de trabalho, entre outros.

Carrano (2009) reforça que é necessário buscar *perceber como sente, pensa e age o jovem estudante em sua condição de sujeito cultural e político que participa, estrutura e sofre as determinações da vida universitária, trazendo para ela as disposições e orientações absorvidas em outros momentos de seu percurso pessoal e social* (p. 180). Ainda, segundo o autor, *prevalece a análise da vida estudantil a partir do ponto de vista institucional e da condição unilateral de estudante ou aluno, em desconsideração de outras variáveis existenciais e biográficas dos jovens alunos* (p. 181).

CONCLUSÃO



Como síntese das notas e considerações finais, porém temporárias, enfatiza-se que a socialização no ensino superior se atrela às sociabilidades juvenis. Verifica-se que há uma interdependência das esferas de atividades e processos sociais vinculadas a temporalidades mais amplas do que a experiência universitária em curso. Apreende-se a maneira como a aprendizagem se conecta com o contexto e as experiências de vida do estudante; voltando-se para a visão dos estudantes sobre seu percurso e sua relação com o aprender.

A experiência universitária não pode ser vista como um tempo quantitativo e linear, de ordem escolar, valorizando um itinerário já definido e rígido. As escolhas cruciais, o novo olhar sobre a vida, as novas formas de autonomia social, intelectual e afetiva, a busca de sentido em um momento transitório de seu percurso, não podem ser ignoradas nas análises. A experiência universitária, não é determinada apenas pelo que essa instituição impõe, mas também pelos projetos pessoais, as motivações, as temporalidades e as condições singulares dos estudantes. A condição estudantil e a maneira de ser estudante não constituem uma realidade única. A pluralidade de tipos de estudantis é um fenômeno em desenvolvimento. As investigações sobre os modos de ser estudante no Ensino Superior apresentam singular relevância ao explorar novas pistas a serem focalizadas sobre a qualidade da aprendizagem dos estudantes na graduação. A condição estudantil e a maneira de ser estudante não constituem uma realidade única. A pluralidade de tipos de estudantis é um fenômeno em desenvolvimento.

Aponta-se, assim, para os necessários diálogos entre a condição juvenil e a condição estudantil, articulando olhares que vão além do papel unilateral de estudante e que abarque dimensões para além do cognitivo. A relação ser jovem-estudante acadêmico enuncia uma problemática que exige uma compreensão multifatorial, atenta a diversidade e polissemia das vivências acadêmicas atuais. Intentou-se promover a aproximação/aprofundamento teórico da temática exposta: a compreensão dos modos de vivenciar a universidade pelos estudantes, bem como atentar para a necessidade e importância de um aporte teórico consistente e profícuo para os estudos a ela relacionados. Por fim, constata-se que as considerações elencadas se configuram como potenciais subsídios, fecundos de possibilidades para outros aprofundamentos e desdobramentos, e cujo desvelamento será relevante para a apreensão sociológica e pedagógica de novas nuances na realidade do Ensino Superior no Brasil.

REFERÊNCIAS



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRITTO, L. P; et all. Conhecimento e formação nas IES periféricas: perfil do novo aluno da educação superior. In: **Revista Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 13, n. 3, p. 777-791, nov. 2008

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. A invisibilidade da juventude na vida escolar. In: **Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação**. Universidade Federal de Santa Catarina. Volume 22, n. 2 – Florianópolis. Julho/dezembro 2004.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltipla. In: **Movimento**. Rio de Janeiro: DP&A, n. 1, maio de 2000.

CARRANO, Paulo. Jovens universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: SPÓSITO, Marília. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**, volume 1 / Marília Pontes Sposito, coordenação. Belo Horizonte, MG : Argumentvm, 2009.

DAYRELL, J., (2003) O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, no 24, p.40-52.

FERREIRA, Adir Luiz. Socialização na Universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. In: **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, p. 116-140, jan./abr. 2014.

FERREIRA, Adir Luiz. **Havia uma sociologia no meio da escola**. Natal: EDUFRN, 2004.

GÓMEZ, Carlota Guzman. Reflexiones en torno a la condición estudiantil en los noventa: los aportes de la sociología francesa. **Perfiles Educativos**, año/vol XXIV, numero 97-98. Universidad Nacional Autónoma de Mexico. México, DF, México, 2002.

MARGULIS, M. Juventud: una aproximación conceptual. In: **Adolescência e juventude na América Latina**. Cartago: Livro Universitário Regional, 2001.

PAIS. J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o meio ambiente de estudos. In: **Revista Educação em Questão**. Natal | RN, v. 48, n. 34, p.39-65, jan./abr. 2014.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens. In: **Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 277-575, jul./dez. 2004.

SPOSITO, M. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.